

Anamnésia ou Amnésia?

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

*“Há um lance no exercício da profissão
que sempre me apaixonou: a anamnese.
O relato dos padecimentos feito pelo doente
à cordialidade inquisidora do médico (grifo do autor)”*
(Miguel Torga)

Ora, ora, aonde foi parar a anamnese na prática médica? Melhor formulando: onde está a *cordialidade inquisidora do médico*? E o Exame Físico que se segue a tal relato? Quem já não teve a oportunidade de ouvir aquelas célebres queixas dos pacientes em busca de cuidados médicos: *“o doutor nem me encostou a mão!”*. Ou: *“mal olhou na minha cara!”* Mas pediu uma “tomografia computadorizada” ou sendo mais moderninho uma “ressonância magnética”. Não se dá mais conta do que ressoa na alma do paciente, não importa, o tecnológico dará conta. E a conta? Essa, evidentemente, é paga pelo contribuinte.

Lembro aqui o Conselheiro Eduardo Bordallo do CREMERJ, coordenador da Câmara Técnica de Clínica Médica da UFF: *“os médicos precisam refletir que a anamnese e o exame físico bem feitos evitariam tantos pedidos de exames desnecessários”*. Diz o Conselheiro que *“alguns médicos estão utilizando os exames de alta tecnologia de forma desordenada, com intenção de economizar tempo e atender um número maior de pacientes, o que vem provocando um elevado custo da Medicina e do próprio trabalho médico”*.

O Conselheiro é bondoso quando associa tal estratégia ao objetivo de ganhar tempo e atender mais pacientes. Sou mais contundente. Pedem exames porque, no melhor das hipóteses, não sabem mais praticar medicina, afinal a anamnese e o exame físico fazem parte da formação básica de um médico. Por outro lado prefiro não acreditar no pior das hipóteses, qual seja, aquela em que o agente da medicina acaba envolvido com os lucros de tais exames.

Entendemos anamnese como o conjunto de informações acerca do princípio e evolução de uma doença até o momento da primeira observação do médico. Isso, evidentemente, requer que se tenha um tempo para se dedicar ao enfermo, pois não se constrói um juízo clínico sem uma colheita apurada de dados. Como é possível a cordialidade inquisidora, que já foi um prazer para quem exercia medicina, se não há tempo para dispor? No máximo o que se tem é a inquisição desrespeitosa e impaciente com o paciente tipo: *“fala minha filha”, “fala filhinha”, “que Você arrumou?”* ou se já conhece o paciente: *“que você arrumou dessa vez?”*. Ou seja, o paciente ainda é acusado de gerar sua enfermidade. E termina a consulta após uma prescrição mal humorada

destacando a folha do bloco de receituário com um gesto brusco, súbito e ruidoso que assusta o doente e chama a atenção dele de que a consulta está encerrada: “*você vai tomar isso e aquilo...*”. Esse tipo de prática médica não faz bem a ninguém e tal prescrição, evidentemente, não pode ser eficaz. Não é atoa que os curandeiros (tipo Dr. Fritz) recebem milhões de enfermos atribulados que encontram lá muitas vezes, pelo menos, mais respeito e atenção.

É evidente que não estou generalizando e que há médicos, e não são poucos, que continuam praticando medicina por amor a *camisa branca*. O que pretendo é salientar e alertar para uma prática perversa e crescente que hoje associa medicina e mercado, ato médico e extorsão. E um veículo de informação como a DOCTOR NEWS que se ocupa dos interesses da área médica tanto pela perspectiva do prestador do serviço como do usuário deste, torna-se por isso mesmo indispensável.

Outubro passado o CREMERJ promoveu debate sobre o tema da revalorização da anamnese. O diagnóstico é bombástico: 70% dos diagnósticos são possibilitados por uma anamnese bem feita. É isso aí bicho!

Quando era estudante de medicina acreditava, e hoje continuo acreditando, na máxima: “*a clínica é soberana*”. Me parece que hoje a máxima é outra: “*a tecnologia é soberana*”, pois prefiro descartar a pior: “*o lucro é soberano*”.

Que a **amnésia** não seja a sucedânea da **anamnésia** (anamnese), em que o *esquecimento* da boa prática médica dá lugar a uma medicina menor, que joga a *cordialidade inquisidora da arte médica* na lata do lixo da história e elege a desatenção, o descuido, a tecnologia fria e o mercado como os novos paradigmas.

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).